

Comportamento autoclítico: Características, classificações e implicações para a Análise Comportamental Aplicada

Autoclitic behavior: Characteristics, classifications and implications for Applied Behavior Analysis

Comportamiento autoclítico: Características, clasificaciones e implicaciones para el Análisis del Comportamiento Aplicado

Bruna Colombo dos Santos ✉
Carlos Barbosa de Souza

Universidade Federal do Pará (Belém)

RESUMO

Skinner propôs um tratamento funcional da linguagem, definindo comportamento verbal como comportamento estabelecido e mantido por consequências mediadas, fornecidas por um ouvinte especialmente treinado por uma comunidade verbal. Também apresentou uma taxonomia desse tipo de comportamento: operantes primários – mando, tato, ecoico, intraverbal, transcrição e textual – e secundário – autoclítico. Existem poucos estudos experimentais sobre autoclíticos, o que pode ser prejudicial para a área, pois esse operante é essencial na compreensão de repertórios verbais complexos. Essa reduzida frequência pode ser fruto da complexidade do tema e da dificuldade em compreendê-lo, dada a forma intrincada e distribuída na qual ele é tratado no *Verbal Behavior*. Neste artigo, apresenta-se de forma integrada o tratamento oferecido por Skinner ao autoclítico. Essa sistematização pode possibilitar maior compreensão sobre o tema e estimular novas investigações. Nessa direção, aponta-se possíveis usos dessa interpretação para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções na Análise Comportamental Aplicada.

Palavras-chave: comportamento verbal, autoclítico, análise aplicada do comportamento, Skinner

ABSTRACT

Skinner proposed a functional treatment of language, defining verbal behavior as behavior established and maintained by mediated consequences, provided by a listener especially trained by a verbal community. He also presented a taxonomy of this kind of behavior: primary operants - mand, tact, echoic, intraverbal, transcription and textual - and secondary - autoclitic. There are few experimental studies about autoclitics, what can be harmful to the area, since autoclitic is essential in comprehension of complex verbal repertoires. The reduced frequency can be the result of its complexity and comprehension, because of the intricate and distributed form of its treatment throughout *Verbal Behavior*. This paper presents the treatment offered by Skinner to autoclitic, in an integrated way. This systematization might assist the comprehension of the theme and stimulate new researches. In this sense, possible uses of this interpretation to development of researches and intervention in Applied Behavior Analysis are indicated.

Keywords: verbal behavior, autoclitic, applied behavior analysis, Skinner

RESUMEN

Skinner propuso un tratamiento funcional del lenguaje, definiendo al comportamiento verbal como un comportamiento establecido y mantenido por consecuencias mediadas, proporcionadas por un oyente especialmente entrenado por una comunidad verbal. También presentó una taxonomía de este tipo de comportamiento: operantes primarios - mando, tacto, ecoico, intraverbal, transcripción y textual - y secundario - autoclítico. Hay pocos estudios experimentales sobre autoclíticos, lo que puede ser perjudicial para el área, pues este operante es esencial en la comprensión de repertorios verbales complejos. Esta frecuencia reducida puede ser el fruto de la complejidad del tema y de la dificultad en comprenderlo, dada la forma intrincada y distribuida en la cual es tratado en el *Verbal Behavior*. En este artículo se presenta de forma integrada el tratamiento ofrecido por Skinner al autoclítico. Esta sistematización puede posibilitar mayor comprensión sobre el tema y estimular nuevas investigaciones. En esa dirección, se apunta posibles usos de esa interpretación para el desarrollo de investigaciones e intervenciones en el Análisis del Comportamiento Aplicado.

Palabras clave: comportamiento verbal, autoclítico, análisis del comportamiento aplicado, Skinner

Skinner (1992/1957) propôs uma formulação funcional para a explicação da linguagem que foi de encontro às principais formulações tradicionais da época. Na sua proposta, ele optou por utilizar termos que evitassem possíveis conotações mentalistas pré-estabelecidas por seu uso em outras áreas ou na linguagem cotidiana¹. Por essa razão, escolheu usar

o termo “comportamento verbal”, ao invés de “linguagem” ou “fala”, apontando como vantagens a ênfase no comportamento do falante individual e a possibilidade de uma análise a partir dos mesmos processos e procedimentos já existentes na Análise do Comportamento.

¹ Vale ressaltar que Skinner não foi o único a esboçar uma interpretação funcionalista da linguagem. Segundo Passos (2007), a formulação de Skinner sobre linguagem sofreu influência da tradição linguística na qual as bases da linguagem se encontram nas convenções da comunidade verbal (arbitrariedade do signo linguístico). Essa tradição pode ser vista em linguistas influentes como Whitney, H. Paul, Saussure e Bloomfield.

Skinner (1992/1957) definiu comportamento verbal como comportamento operante reforçado por consequências mediadas por um ouvinte especialmente treinado por uma comunidade verbal. Ele propôs uma taxonomia para esse tipo de comportamento, distinguindo entre operantes verbais primários e secundários (ou de segunda ordem). Os operantes verbais primários foram caracterizados em termos dos tipos de controle antecedente e de sua consequenciação:

1. Mando: operante verbal sob controle do que, contemporaneamente, é chamado de operações motivadoras (Laraway, Snyckersky, Michael, & Poling, 2003) e consequenciado com reforço específico.
2. Tato: operante verbal sob controle de estímulos discriminativos não verbais e consequenciado com reforço generalizado.
3. Ecoico, textual, transcrição (cópia/ditado) e intraverbal, operantes verbais sob controle de antecedente verbal e consequenciados com reforço generalizado (para uma revisão detalhada desses operantes verbais, ver Petterson, 1978; Sérgio & Andery, 2008).

O operante verbal de segunda ordem, denominado autoclítico, foi caracterizado em termos do comportamento verbal sob controle de outro comportamento verbal do próprio falante (relacionando, descrevendo, qualificando ou quantificando as relações de controle da emissão do comportamento verbal de primeira ordem). Esse operante é descrito como secundário, pois sua função depende dos operantes primários.

Algumas revisões sobre o impacto da publicação *Verbal Behavior* na literatura têm mostrado que, após 1957, houve um crescente número de citações da obra, e se iniciou uma nova linha de investigação

empírica utilizando o conceito de comportamento verbal proposto por Skinner, bem como sua taxonomia (Andery, 2010; Dymond, O'Hora, Whelan, & O'Donovan, 2006; MacPherson, Bonem, Green, & Osborne, 1984; Oah & Dickinson, 1989; Sautter & Leblanc, 2006). No entanto esses trabalhos também mostraram que as pesquisas empíricas sobre comportamento verbal existem em menor quantidade em comparação com os trabalhos teóricos sobre o tema (Dymond et al., 2006). Além disso, essas pesquisas apresentam algumas restrições como: o tipo de população investigada (geralmente crianças com desenvolvimento atípico), veículos de publicação (publicações feitas principalmente em jornais específicos de Análise do Comportamento) e classes de operantes verbais investigados (Dixon, Small, & Rosales, 2007; Sautter & Leblanc, 2006).

Com relação às classes de operantes verbais, os estudos empíricos parecem se concentrar naqueles caracterizados como primários, principalmente nos operantes mando e tato. Poucos trabalhos investigaram o operante verbal autoclítico, produzindo uma lacuna nas investigações analítico-comportamentais sobre repertórios gramaticais e suas extensões (Sautter & Le Blanc, 2006). Dentre os trabalhos que se propuseram investigar experimentalmente o comportamento autoclítico, podem-se citar os estudos de Hübner, Austin e Miguel, (2008), Hübner, Gomes e Martins (2017), Martins, Hübner, Gomes, Portugal e Treu (2015), Shyeab, Pritchard e Malady (2014) e Rosales-Ruiz, Eikeseth, Duarte e Baer (2000).

Dymond et al. (2006) sugeriram que a baixa frequência de estudos sobre autoclíticos pode estar relacionada ao fato de que pesquisadores que trabalham com a linguagem não utilizam o tratamento skinneriano para os autoclíticos quando investigam aspectos como gramática, sintaxe,

produção de textos, entre outros fenômenos comportamentais caracterizados em termos autoclíticos por Skinner (1992/157). Essa reduzida frequência na utilização da proposta skinneriana sobre autoclíticos pode ser fruto da complexidade do tema, em termos do número de variáveis que podem influenciá-lo (dificultando a construção de delineamentos adequados para seu estudo) e da dificuldade em compreendê-lo dada a forma intrincada e distribuída com que ele é tratado ao longo das partes IV e V do livro *Verbal Behavior*.

Este trabalho tem como objetivo apresentar de forma integrada em um texto o tratamento oferecido por Skinner (1992/157) ao operante autoclítico. Acredita-se que essa sistematização da abordagem skinneriana para os comportamentos autoclíticos pode possibilitar aos leitores interessados uma maior compreensão sobre o tema e estimular novas investigações sobre essa classe de operante. Nessa direção, finalmente, apontam-se possíveis usos da interpretação de Skinner para os comportamentos autoclíticos para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções no contexto da Análise Comportamental Aplicada.

AUTOCLÍTICO: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO

Skinner (1992/1957) apontou que, para além dos operantes verbais primários, existem respostas verbais relacionadas com a organização, edição, manipulação e seleção de comportamento verbal que também podem ser tratadas nos termos da proposta de análise funcional do comportamento verbal apresentada por ele. Essas respostas verbais são tratadas, dentro da semântica, em termos da “intenção do falante”, um tipo de tratamento incompatível com uma análise funcional. Além delas, essa categoria contém respostas relacionadas a aspectos gramaticais em si como: uso de plurais,

concordância verbal, de número e gênero, entre outras. A questão colocada por Skinner é: como proceder a uma análise funcional desses tipos de resposta sem apelar para elementos representacionais ou intencionais?

Skinner (1992/1957) propõe, em primeiro lugar, que aqueles tipos de respostas são operantes e, portanto, passíveis de estudo pela Análise do Comportamento a partir de seus processos e procedimentos. Em segundo lugar, Skinner reconhece que conjuntos de respostas podem se tornar variáveis de controle de outros conjuntos e, para que isso ocorra, devem existir no mínimo dois sistemas de respostas, um sob o controle do outro.

A partir desse segundo ponto, já se tem o esboço de uma definição de comportamento autoclítico. Sua primeira característica é, portanto, ser comportamento verbal que age sobre outro comportamento verbal do próprio falante. O comportamento autoclítico é tido como um operante de segunda ordem exatamente por essa característica. Ele só faz sentido na presença de qualquer um dos demais operantes verbais primários. O papel do autoclítico é rearranjar, combinar e transformar material verbal primário (Catania, 1980; Souza, Miccione, & Assis, 2009).

Contudo, se Skinner (1992/1957) assume essa primeira característica do autoclítico, poderíamos perguntar: qual é a ação dessa amostra de comportamento verbal sobre outra amostra de comportamento verbal? Essa pergunta leva à segunda característica do autoclítico: a modificação da reação do ouvinte ao comportamento de primeira ordem.

As duas características anteriormente descritas compõem a definição de comportamento autoclítico que, então, pode ser formulada como: um operante

verbal que age sobre outro operante verbal (primário) do falante, transformando-o e/ou rearranjando-o, de forma a modificar a reação do ouvinte com respeito à relação primária.

Skinner (1992/1957) descreve cinco tipos de comportamento autoclítico que serão detalhados na próxima seção: descritivo, qualificador, quantificador, relacional e manipulativo. Os tipos relacional e manipulativo são especialmente relevantes, pois permitem o tratamento da gramática e sintaxe.

CLASSIFICAÇÕES PARA COMPORTAMENTO AUTOCLÍTICO

Autoclíticos descritivos

O comportamento autoclítico descritivo informa o ouvinte sobre as condições nas quais o falante emite o operante verbal primário e/ou sobre as variáveis controladoras do comportamento do próprio falante. Dessa forma, como afirma Catania (1980), esse tipo de autoclítico está sob controle discriminativo das condições sob as quais o operante verbal primário ocorre. Algumas dessas condições são categorizadas e descritas por Skinner (1992/1957) e formam quatro grupos.

O primeiro grupo refere-se à autoclíticos que informam ao ouvinte a classe de operante verbal primário que acompanha. Por exemplo, alguém, na presença de chuva, pode emitir a resposta: “Eu vejo que está chovendo”; a parcela “eu vejo” indica para o ouvinte que o operante verbal primário tem grande probabilidade de ser um tato. Contudo o falante pode emitir a mesma topografia “eu vejo”, em outras condições, por exemplo, ao ler uma notícia sobre o tempo no jornal. Nesse caso, o “eu vejo” indicaria que o operante verbal primário é textual.

O segundo grupo de autoclíticos descreve o estado de força na qual a resposta verbal é emitida.

Sentenças do tipo: “Eu tenho certeza disso”, “Eu acho que sim” ou “Eu imagino que sim” contêm respostas (e.g., certeza, acho, imagino) que descrevem para o ouvinte se a relação que está sendo descrita pelo falante está bem estabelecida ou não e/ou se as variáveis de controle são conspícuas ou não.

O terceiro grupo de autoclíticos descreve relações entre a resposta e outra resposta verbal do falante, ou outras circunstâncias sob as quais o comportamento do falante é emitido. Fazem parte desse grupo respostas do tipo “Eu admito”, “Eu concordo”, “Eu confesso”, entre outras. Essas respostas permitem ao ouvinte relacionar o que está sendo dito com o que foi dito anteriormente ou com as circunstâncias nas quais está sendo dito.

Por fim o quarto grupo descreve condições motivacionais ou emocionais do falante. Exemplos são “Eu fico feliz em te dizer” ou “Lamento informar”. Essas respostas indicam o estado motivacional ou emocional do falante em razão de determinadas circunstâncias. Provavelmente, essas condições afetarão ou criarão um estado motivacional ou emocional semelhante no ouvinte, como fazem no falante.

Além desses quatro grupos, outros autoclíticos descritivos são abordados por Skinner (1992/1957). O autor fala sobre autoclíticos negativos que podem ter as funções de: (1) qualificar ou cancelar a resposta verbal primária que acompanham, a qual é forte por algum motivo, como em “Eu não creio que os computadores chegaram”, na qual a resposta sublinhada cancela a afirmação “os computadores chegaram”, e (2) evitar punição da resposta verbal, como em “Você não teria algo para comer?”, na qual a resposta sublinhada provavelmente evita ou diminui a possibilidade de produção de consequências aversivas do mando “Tem algo para comer?”.

Além dos autoclíticos negativos, Skinner (1992/1957) descreve alguns outros que apenas indicam que a resposta verbal está sendo emitida apresentando funções de: (1) anunciar; (2) concordar com o ouvinte; (3) demonstrar zelo ao ouvinte; (4) antecipar o comportamento do ouvinte; (4) apresentar mesmo sentido do que já foi dito; ou (5) indicar relação de subordinação.

Adjetivos e advérbios que modificam as respostas que os acompanham e pontuação também podem apresentar funções autoclíticas. A característica crucial que esses elementos formais devem apresentar para ter essa função é modificar a reação do ouvinte.

Autoclíticos qualificadores

Os autoclíticos qualificadores têm a função de qualificar o tato de forma que a intensidade ou a direção do comportamento do ouvinte é modificada (Skinner, 1992/1957). A definição desse tipo de autoclítico apresenta uma característica peculiar, pois sua ocorrência é basicamente restrita ao operante verbal tato.

Skinner (1992/1957) divide os autoclíticos qualificadores em duas grandes categorias: (1) negação e (2) asserção. Na negação, discute as respostas verbais “não” e suas derivações (“nada”, “nunca”) e, na asserção, as respostas “sim” e o verbo “ser” nos diferentes tempos verbais (e.g., “é”, “era”).

A negação impõe um desafio para uma análise funcional. Poderia ser dito que, quando uma sentença é produzida na negativa, o indivíduo estaria tateando a ausência de algum evento, como em “Rodrigo não está na sala”. Entretanto esse tipo de explicação é inviável porque a ausência de um evento não pode ser capaz de controlar comportamento; do contrário, sairíamos tateando

ausências pelo mundo. Nas palavras de Skinner (1992/1957):

Em uma análise lógica ou linguística, nós podemos talvez dizer que o referente de *não há chuva* é a ausência de chuva, mas isso é claramente impossível em uma descrição causal. Se a ausência de chuva evoca essa resposta, por que nós não emitimos um fluxo tremendo de respostas sob controle de ausências de milhares de outras coisas? A solução tradicional, que parece se aplicar aqui, é que deve haver alguma razão para dizer *Está chovendo* sempre que nós dizemos *Não está chovendo*. Russell acredita que a razão é sempre verbal. Alguém pergunta *Está chovendo?* e nós respondemos *Não, não está chovendo*. “Então”, diz Russell “proposições negativas irão surgir quando você é estimulado por uma palavra, mas não por aquilo que geralmente estimula a palavra” (Skinner, 1992/1957, p. 322).

Considerada essa explicação insatisfatória, Skinner (1992/1957) argumenta que, quando emitimos uma sentença negativa, deve existir alguma condição que aumente a probabilidade do tato contido nela. Utilizando o exemplo anterior, o tato “Rodrigo está na sala” deveria ser forte por algum motivo; alguém pode, por exemplo, ter perguntado por Rodrigo. Sempre que Rodrigo está na sala, dada as condições adequadas, somos capazes de emitir esse tato, logo tateamos a regularidade de um determinado evento. Contudo, quando há quebra dessa regularidade (Rodrigo não está presente), a resposta verbal “não” é adicionada e leva o ouvinte a reagir de maneira apropriada, por exemplo, indo procurar Rodrigo em outro lugar.

A resposta “não” pode ter funções punitivas, e isso fica claro quando ela é um mando que faz com que o ouvinte pare o que está fazendo ou, no mínimo, previna ocorrências da mesma resposta no futuro. É por meio dessa função que Skinner (1992/1957) explica a aquisição da resposta “não” como um autoclítico. Três etapas podem ser identificadas: (1) a comunidade verbal emite “não” como um mando cuja consequência é parar ou prevenir a ocorrência futura de um comportamento; (2) se a etapa um for bem-sucedida, o ouvinte, no futuro, ao iniciar o mesmo comportamento, recria as condições para emissão da resposta “não” e é automaticamente reforçado por reduzir estimulação aversiva condicionada; (3) em seguida, a resposta “não” pode ser estendida a respostas verbais, inicialmente como correção e, depois, como um autoclítico.

Assim como a resposta “não” pode ter função punitiva, a resposta “sim” pode ter função reforçadora positiva. Dessa maneira, ela é usada de forma a enfatizar ou certificar determinadas descrições para o ouvinte, fortalecendo suas reações a essas descrições, configurando-se na asserção. Por exemplo, ao dizer-se “Aquele animal é um gato”, estamos assegurando para o ouvinte que o tato “gato” é acurado, e logo ele pode agir de maneiras apropriadas para aquele evento. Esses autoclíticos, além de sua função assertiva, podem ser controlados por características temporais do estímulo; nesse caso, será observada variação no tempo verbal.

Outros autoclíticos assertivos afetam a reação do ouvinte, indicando o grau ou a extensão do tato, e variam a depender dessa extensão. Frente a um estímulo novo, mas que guarda propriedades semelhantes às de um estímulo sob controle do qual já se apresenta um tato estabelecido, pode-se adicionar um autoclítico que informa essa extensão para o ouvinte. Por exemplo, na presença de um objeto novo que se parece com uma caixa, podemos

dizer: “É um tipo de caixa”. A resposta “é um tipo de” indica que o objeto guarda propriedades semelhantes às de uma caixa, mas não é exatamente esse objeto.

Autoclíticos quantificadores

Os autoclíticos quantificadores têm a função de quantificar eventos ou propriedades deles, permitindo uma reação adequada do ouvinte. Fazem parte dessa categoria alguns pronomes indefinidos e artigos. As sentenças “Traga-me o livro” e “Traga-me um livro” possivelmente têm efeitos distintos sobre o ouvinte; a primeira diz respeito a um livro específico, e a segunda a qualquer livro, logo o ouvinte poderá emitir comportamentos diferentes a depender de cada uma delas.

Autoclíticos relacionais e manipulativos

Os autoclíticos relacionais e manipulativos serão descritos juntos, pois são importantes para a proposição de um tratamento analítico comportamental da gramática e da sintaxe. Ambas são consideradas por Skinner (1992/1957) como produtos de práticas verbais autoclíticas bem estabelecidas, logo gramática e sintaxe não existem a priori, elas são descrições de práticas de uma comunidade verbal.

Os autoclíticos relacionais têm a função de estabelecer conexões entre operantes verbais básicos na formação de amplas amostras de comportamento verbal. Nessa categoria, entram algumas categorias formais da gramática como sufixos indicadores de plural, relações de posse, conjunções, preposições, concordância de número e de gênero, pontuação, entonação, entre outras.

Elementos sintáticos, como a ordem de um grupo de respostas, também são considerados por Skinner (1992/1957) como autoclíticos relacionais. De

acordo com o autor, a predicação contém autoclítico relacional de ordem, pois envolve, no mínimo, dois elementos que se relacionam em uma dada sequência, além de elementos de asserção. Na sentença “Maria é alta”, têm-se dois atos para o mesmo evento do mundo, “Maria” e “alta”; a sentença é dita, geralmente, nessa sequência, e dificilmente ocorre ao inverso. A ordem do agrupamento de respostas é tida, então, como autoclítico relacional.

É importante notar que, diferentemente dos autoclíticos descritivos, por exemplo, os autoclíticos relacionais e manipulativos não podem, muitas vezes, ser distinguidos como uma resposta unitária, mas, sim, como propriedades estruturais de respostas, o que ocorre com alguns elementos sintáticos, como conjugação verbal e voz passiva e ativa (Catania, 1980; Souza et al., 2009).

Após descrever os autoclíticos relacionais, Skinner (1992/1957) se ocupa da seguinte questão: como essas respostas verbais surgem no repertório verbal de um indivíduo? Para responder a essa pergunta, o autor discorre sobre “quadros autoclíticos” que são relações verbais autoclíticas já bastante estabelecidas com diversos exemplares e que, em razão disso, possibilitam o surgimento de novas combinações sem reforçamento direto. Um indivíduo pode ser exposto a situações do tipo “o gato segura a bola”, “a mãe segura a caneta”, “a menina segura a boneca”; observa-se que, embora os exemplares mudem (gato, bola, mãe, caneta, menina e boneca), a configuração permanece a mesma do tipo “X segura Y”. Agora, em uma nova ocasião envolvendo novos exemplares, o indivíduo pode ser capaz de emitir uma resposta nova sem ter sido treinado, como “o elefante segura o amendoim”. Isso só é possível porque existe um quadro autoclítico formado.

Embora Skinner (1992/1957) tenha apresentado uma categoria chamada “autoclíticos manipulativos”, eles nada mais são do que a própria ordenação e/ou agrupamento de amostras de comportamento verbal, que, a depender dessas características, produzem efeitos distintos sobre o ouvinte. Por exemplo, as sentenças “Eu limpei tudo, exceto a cozinha” e “Eu ainda preciso limpar a cozinha”, embora sejam emitidas mediante o mesmo conjunto de eventos, enfatizam aspectos diferentes. Na primeira, a ênfase está no trabalho que já foi realizado (“Eu limpei tudo”) e, na segunda, no trabalho ainda por fazer (“Eu ainda preciso limpar”). Ordenação e agrupamento são especialmente importantes na edição e composição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES PARA PESQUISAS E INTERVENÇÕES NA ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA

A análise do operante verbal autoclítico é, assim como nos demais, funcional. Entretanto Skinner (1992/1957) parece ainda ocasionalmente utilizar elementos morfológicos da gramática e basear suas categorias nesses elementos. Outra dificuldade na formulação skinneriana do autoclítico é a falta da identificação clara de quais tipos de controle de estímulos podem estar envolvidos nesse operante verbal; as unidades autoclíticas são difíceis de identificar sem que se recorra à sua morfologia ou função gramatical (Brino & Souza, 2005; Souza et al., 2009).

Essas dificuldades, junto à compreensão inadequada da proposta behaviorista radical para o estudo do comportamento, levaram à imprecisa crítica de Chomsky (1959) ao livro *Verbal Behavior*. Nela, ao discutir o tratamento de Skinner (1992/1957) para os comportamentos autoclíticos, Chomsky afirma que a proposta de Skinner não daria conta da generatividade, isto é, da possibilidade de formação

de sentenças completamente novas e que nunca foram antes emitidas. Isso se dá pela noção equivocada de Chomsky de que toda instância de comportamento verbal deveria ser reforçada e também pela sua possível incompreensão dos quadros autoclíticos que, embora precisem ser mais bem descritos e experimentalmente estudados, já foram contemplados pela análise skinneriana (para mais discussões sobre esse ponto, ver Stemmer, 1990).

Um ponto importante na discussão skinneriana refere-se à aprendizagem de unidades funcionais como um todo. Skinner (1992/1957) afirma que, nesse caso, não estamos lidando com comportamento autoclítico, mas, sim, com qualquer outro operante verbal. Se uma criança aprende todo o tato “cadeira vermelha”, não podemos supor que o adjetivo “vermelha” seria um autoclítico qualificador, porque foi aprendido como uma unidade inteira. Essa resposta só passa a ser autoclítica em recombinação com outras unidades.

Comportamento autoclítico compõe os processos de composição e autoedição do comportamento verbal. A composição geralmente ocorre mediante situações completamente novas ao falante para as quais não existem unidades verbais previamente estabelecidas, como quando se escreve um novo texto, por exemplo. A autoedição refere-se à rejeição ou à liberação de comportamento verbal. Grande parte desse processo ocorre devido à punição, e os autoclíticos têm função de destaque ao possibilitarem a redução de consequências aversivas quando são utilizados.

Tanto a composição quanto a autoedição têm seu efeito inicial sobre o falante como seu próprio ouvinte, pois, à medida que nos tornamos ouvintes de nós mesmos, somos capazes de funcionar como uma primeira audiência, consequenciando nosso próprio comportamento verbal, compondo-o e

editando-o se for necessário (e.g., nós lemos o que escrevemos antes de mostrar para alguém). Após esse crivo inicial, amostras do nosso comportamento verbal atingem uma audiência externa, e ela será responsável por consequenciar nosso comportamento, levando-nos a editá-lo quantas vezes forem necessárias.

Embora a proposta skinneriana para compreensão do comportamento autoclítico, que culmina na análise de aspectos sintáticos e gramaticais, seja inovadora, ela necessita de maior refinamento teórico e maior exploração experimental, seja ela básica ou aplicada. Se a experimentação e a teoria encontram dificuldades no tratamento do comportamento autoclítico, esse cenário não parece ser diferente para a aplicação. O analista do comportamento aplicado provavelmente enfrenta dificuldades no planejamento de procedimentos de intervenção baseados na definição de comportamento autoclítico.

Novamente, a própria complexidade do conceito e a dificuldade de identificar claramente as variáveis de controle envolvidas podem dificultar o trabalho do analista do comportamento aplicado. No trabalho com indivíduos que apresentam desenvolvimento atípico, os operantes verbais sem dúvidas se mostraram extremamente úteis para a elaboração de procedimentos de intervenção que visam à aquisição, manutenção e extensão desses repertórios (Sundberg & Partington, 1998).

O *Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program* (VB-MAPP) (Sundberg, 2008) é um dos instrumentos de avaliação de repertório verbal baseados na descrição funcional de Skinner (1992/1957) utilizado por analistas do comportamento que trabalham com população que apresenta desenvolvimento atípico. O VB-MAPP é composto por cinco componentes; o primeiro deles é “Avaliação de Marcos”, cujo objetivo é fornecer

uma amostra representativa do comportamento verbal que o indivíduo apresenta e de habilidades relacionadas.

Essa avaliação é composta por 170 marcos mensuráveis de linguagem e aprendizagem que são sequenciados por meio de três níveis de desenvolvimento: nível 1, 0 a 18 meses; nível 2, 18 a 30 meses; nível 3, 30 a 48 meses. É importante salientar que os níveis foram construídos com base no repertório verbal de crianças com desenvolvimento típico nessas etapas do desenvolvimento e que, embora o VB-MAPP seja frequentemente utilizado para avaliação de repertório verbal de crianças com desenvolvimento atípico, o instrumento foi construído para avaliação de repertório verbal geral, a despeito de classificações diagnósticas quanto ao desenvolvimento.

As habilidades avaliadas no componente “Marcos” são: mando, tato, ecoico, intraverbal, comportamento de ouvinte, imitação motora, brincadeira independente, repertório social e brincadeira social, percepção visual e emparelhamento de acordo com o modelo, estrutura linguística, habilidades de grupo e sala de aula e repertório acadêmico inicial (leitura, escrita, matemática) (Sundberg, 2008).

Sundberg (2008) fala sobre comportamento autoclítico, no nível 2, em um dos tópicos da avaliação de estrutura linguística (tópico *Linguistics 9-M*) sobre métrica funcional (ritmo, ênfase e entonação da fala). Esse tópico diz respeito a mudanças de entonação ou ênfase em certas palavras, o que modifica a reação do ouvinte (por isso a classificação “autoclítico”) ao comportamento verbal primário do falante (e.g., a criança diz “Este chocolate é MEU!” com ênfase na palavra “meu”). Embora o autor fale sobre comportamento autoclítico apenas durante esse

tópico, pode-se interpretar que o tópico “estrutura linguística” do nível 3 também é uma avaliação de repertório autoclítico, pois contém: avaliação de inflexões verbais (sufixos para plural, singular e possessão); afixos indicando tempo verbal; uso de adjetivos, pronomes e advérbios; ordenação verbal de forma a produzir sentenças sintaticamente corretas.

Essas modificações se enquadram na categoria autoclítico, pois dependem da existência de operantes verbais primários e modificam a reação do ouvinte. Obviamente há uma tendência em identificá-las como tal, porque o próprio Skinner (1992/1957) fez uma identificação estrutural delas ao tratar o autoclítico. Entretanto é preciso ter cuidado para não cair em uma análise puramente estrutural, o que se aproxima muito do que a própria linguística tradicional já apresenta. Como Skinner (1992/1957) afirma, o problema com as formulações tradicionais da linguagem é que elas não buscam as “causas” do comportamento verbal por estarem presas a análises estruturais, e, quando há alguma tentativa nessa direção, as causas geralmente são colocadas em outra dimensão de observação (e.g., quando se diz que uma afirmação é confusa porque a ideia de quem afirma é confusa). Na Análise do Comportamento, essas unidades são funcionais, talvez seja por esse cuidado que Sundberg (2008) não define esse tópico de estrutura linguística como autoclítico.

Outro ponto a ser notado é a descrição que Sundberg (2008) faz ao discorrer sobre autoclítico no tópico *Linguistics 9-M*. Nas palavras dele:

Métrica geralmente envolve essas respostas autoclíticas adicionais e tipicamente ocorre sem nenhum treino especial. Isto é, uma vez que mandos, tatos, e intraverbais primários são aprendidos, crianças são modeladas diferencialmente para adicionar autoclíticos

secundários ao que elas dizem, devido aos seus efeitos especiais sobre ouvintes (Sundberg, 2008, p. 201)².

Nota-se que o autor coloca o comportamento autoclítico como uma relação emergente, isto é, que ocorre sem nenhum treino especial, mas, logo em seguida, afirma que “as crianças são modeladas diferencialmente para adicionar autoclíticos” (Sundberg, 2008, p. 201). Isso, no mínimo, levanta uma questão para o analista do comportamento aplicado: seria necessário, então, montar uma estrutura de ensino específica para esse operante verbal, ou, dada a aquisição dos operantes verbais primários, o autoclítico surge sem nenhum treino especial?

A esse tipo de indagação apenas a experimentação pode responder e, embora existam poucos experimentos sobre isso (ou, pelo menos, poucos experimentos que utilizem a nomenclatura “autoclítico”), eles parecem demonstrar a necessidade da formulação de uma estrutura de ensino especial para esse tipo de relação comportamental (e.g., Greer & Yuan, 2008; Howard & Rice, 1998; Lowenkron & Colvin, 1992; Luke, Greer, Singer-Dudeck & Keohane, 2011; Speckman, Greer, & Rivera-Valdes, 2012; Whithurst, 1972). Ainda que esses experimentos tenham utilizado procedimentos de ensino e teste diferentes entre si, seus resultados e algumas características peculiares do procedimento podem auxiliar, junto a alguns aspectos que foram considerados por Skinner (1992/1957), o analista do comportamento aplicado a elaborar planos de ensino individualizado para repertórios autoclíticos.

Nessa direção, finalizamos sugerindo alguns passos que podem favorecer o desenvolvimento de programas de ensino individualizado adequados

(com a ressalva, é claro, de que esses passos não devem ser tomados de maneira rígida e de que cabe a adequação deles para as situações individuais):

- Passo 1: estabelecer uma linha de base acerca do repertório autoclítico a ser ensinado – operacionalizar as respostas alvo (em termos de descrição topográfica e funcional) e estabelecer um conjunto de medidas para registro e análise dessas respostas. Esse passo é básico de qualquer procedimento de ensino em Análise do Comportamento.

- Passo 2: garantir a existência prévia dos operantes verbais primários. Isso é uma etapa lógica se o autoclítico é um operante verbal secundário, cuja existência depende dos operantes primários; só faz sentido montar uma estrutura de ensino para esse tipo de operante se o analista do comportamento já tiver treinado os operantes verbais primários de forma consistente.

- Passo 3: treino com múltiplos exemplares. Os estudos de Green e Yuan (2008), Luke et al. (2011) e Speckman et al. (2012) demonstraram diretamente a eficácia desse tipo de treino para aquisição de comportamento autoclítico. O treino com múltiplos exemplares envolve uma estrutura de ensino que incorpora variações de estímulos e respostas, sendo mais eficaz na promoção de generalização (ver Cooper, Heron, & Heward, 2007, p. 628). Sendo assim, o analista do comportamento precisa programar um ensino que envolva muitos tipos de estímulos, e isso parece favorecer a aquisição de repertório autoclítico.

- Passo 4: teste com utilização de novos modelos. De acordo com Skinner (1992/1957), só podemos classificar uma relação verbal como autoclítica se ela emergir devido à recombinação, isto é, se não for uma resposta adquirida como um todo (e.g., se a

² As citações de Sundberg (2008) são traduções livres dos autores deste artigo.

criança aprende o tato “A bola é do menino” e, em outra ocasião similar, emite essa resposta, não se poderia qualificar a relação sintática possessiva como autoclítico porque a criança pode ter aprendido o bloco de resposta completo. Agora, se em outra situação que tenha uma configuração de estímulos similar, por exemplo, um homem com seu carro, a criança emitir “O carro é do homem”, poder-se-ia classificar essa relação como autoclítica). Sendo assim, ao montar uma estrutura de ensino, deve-se garantir a oportunidade de teste com modelos completamente novos.

Ressalta-se que a elaboração desses quatro passos foi feita com base na descrição skinneriana e também com base nas pesquisas já realizadas. Ela é apenas uma sistematização do que já se sabe sobre esse tema; claramente precisa de refinamentos que só serão feitos quando for melhorada a compreensão sobre o comportamento do ouvinte e, também, acerca das condições sob as quais os quadros autoclíticos são adquiridos e mantidos (Palmer, 1998; 2007).

REFERÊNCIAS

- Andery, M. A. P. A. (2010). Especificidades e implicações da interpretação da linguagem como comportamento verbal. In E. Z. Tourinho & S. V. Luna (Orgs.), *Análise do Comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 61-99). São Paulo: Rocca.
- Brino, A. L. F., & Souza, C. B. (2005). Comportamento verbal: Uma análise da abordagem skinneriana e das extensões explicativas de Stemmer, Hayes e Sidman. *Interação em Psicologia*, 9, 251-260. Retrieved from revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/4796/3679
- Catania, A. C. (1980). Autoclitic processes and the structure of behavior. *Behaviorism*, 8, 151-194.
- Chomsky, N. (1959). A review of Skinner’s Verbal Behavior. *Language*, 35, 26-58. doi:10.2307/411334
- Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. (2007). *Applied Behavior Analysis* (2nd ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson.
- Dixon, M. R., Small, S. L., & Rosales, R. (2007). Extended analysis of empirical citations with Skinner’s Verbal Behavior: 1984-2004. *The Behavior Analyst*, 30(2), 197-209. doi:10.1007/BF03392155
- Dymond, S., O’Hora, D., Whelan, R., & O’Donovan, A. (2006). Citation analysis of Skinner’s Verbal Behavior: 1984-2004. *The Behavior Analyst*, 29, 75-85. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2223169/>
- Greer, R. D., & Yuan, L. (2008). How kids learn to say darnedest things: The effect of multiple exemplar instruction on the emergence of novel verb usage. *The Analysis of Verbal Behavior*, 24, 103-121. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2779922/>
- Howard, J. S., & Rice, D. (1988). Establishing generalized autoclitic repertoire in preschool children. *The Analysis of Verbal Behavior*, 6, 45-59. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22477563>
- Hübner, M. M. C., Austin, J., & Miguel, C. F. (2008). The effects of praising of qualifying autoclitics on the frequency. *Analysis of Verbal Behavior*, 24(1), 55-62. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2779926/>
- Hübner, M. M. C., Gomes, F. P., & Martins, L. A. L. (2017). Higher-order verbal behavior: Theoretical-empirical analysis of autoclitic effects on on-verbal behavior. In J. C. Todorov (Ed.), *Trends in Behavior Analysis* (Vol. 2) (pp. 38-99). Brasília: Technopolitik.

- Laraway, S., Snyckersky, S., Michael, J., & Poling, A. (2003). Motivating operations and terms to describe them: Some further refinements. *Journal of Applied Analysis of Behavior, 36*, 407-414. doi:10.1901/jaba.2003.36-407
- Lowenkron, B., & Colvin, V. (1992). Joint control and generalized nonidentity matching: Saying when something is not. *The Analysis of Verbal Behavior, 10*, 1-10. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2748597/>
- Luke, N., Greer, R. D., Singer-Dudeck, J., & Keohane, D. D. (2011). The emergence of autoclitic frames in atypically and typically developing children as a function of multiple exemplar instruction. *The Analysis of Verbal Behavior, 27*, 141-156. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3139546/>
- MacPherson, A., Bonem, M., Green, G., & Osborne, J. G. (1984). A citation analysis of the influence on research of Skinner's Verbal Behavior. *The Behavior Analyst, 7*, 157-167. Retrieved from <http://psycnet.apa.org/record/1985-26945-001>
- Martins, L. A. L., Hubner, M. M. C., Gomes, F. P., Portugal, M. P., & Treu, K. E. (2015). Effect of the qualifying autoclitic "is" in conditional discrimination training and equivalence tests. *Acta Colombiana de Psicología, 18*(1), 37-46. doi:10.14718/ACP.2015.18.1.4
- Oah, S., & Dickinson, A. M. (2007). A review of empirical studies of Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior, 7*, 53-68. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2748505/>
- Palmer, D. C. (1998). The speaker as a listener: The interpretation of structures regularities in verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior, 15*, 3-16. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2748644/>
- Palmer, D. C. (2007). Verbal Behavior: What is the function of the structure? *European Journal of Behavior Analysis, 8*, 161-175. doi:10.1080
- Peterson, N. (1978). *An introduction to verbal behavior*. Grand Rapids, MI: Behavior Associates.
- Rosales-Ruiz, J., Eikeseth, S., Duarte, A., & Baer, D. (2000). Verbs and verb phrases as instructional stimuli in the control of stimulus equivalence effects. *The Psychological Record, 50*, 173-187. Retrieved from <http://opensiuc.lib.siu.edu/tpr/vol50/iss1/11/>
- Sautter, R. A., & LeBlanc, L. A. (2006). Empirical applications of Skinner's analysis of verbal behavior with humans. *The Analysis of Verbal Behavior, 22*, 35-48. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2774593/>
- Sério, T. M. A. P., & Andery, M. A. (2008). Comportamento Verbal. In T. M. Sério, M. A. Andery, P. S. Gioia & N. Micheletto (Orgs.), *Controle de estímulos e comportamento operante: Uma (nova) introdução* (pp. 127-151). São Paulo: Educ.
- Shyeab, M., Pritchard, J., & Malady, M. (2014). An extension of the effects of praising qualifying autoclitics on the frequency of reading. *Analysis of Verbal Behavior, 30*, 141-147. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4883526/>
- Skinner, B. F. (1992). *Verbal Behavior*. Acton, MA: Copley Publishing Group. (Original work published 1957).

- Souza, C. B., Miccione, M. M., & Assis, G. J. A. (2009). Relações autoclíticas, gramática e sintaxe: O tratamento skinneriano e as propostas de Place e Stemer. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 6, 121-131. Retrieved from <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/186/301>
- Speckman, J. M., Greer, R. D., & Rivera-Valdes, C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*, 28, 83-99. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3363397/>
- Stemmer, N. (1990). Skinner's Verbal Behavior: Chomsky's review, and mentalism. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 13, 307-315. doi:10.1901/jeab.1990.54-307
- Sundberg, M. L. (2008) *Verbal behavior milestones assessment and placement program: The VB-MAPP*. Concord, CA: AVB Press.
- Sundberg, M. L., & Partington, J. W. (1998). *Teaching language to children with autism or other developmental disabilities*. Danville, CA: Behavior Analysts, Inc.
- Whithurst, G. J. (1972). Production of novel and grammatical utterances by young children. *Journal of Experimental Child Psychology*, 13, 502-515. doi:10.1016/0022-0965(72)90077-X

QUESTÕES DE ESTUDO

- 1) Apresente a definição dada por Skinner para comportamento verbal.
- 2) Qual a taxonomia proposta por Skinner para comportamento verbal?
- 3) Por que o “autoclítico” é distinguido dos demais operantes, sendo considerado um operante de segunda ordem?
- 4) Apresente a definição de autoclítico, identificando suas duas características.
- 5) Cite os tipos de comportamento autoclítico identificados por Skinner, apresentando suas principais características.
- 6) Comportamento autoclítico está envolvido em dois processos tradicionalmente tratados pela gramática e sintaxe. Quais são eles?
- 7) Quais os passos sugeridos no trabalho para o desenvolvimento de programas de ensino individualizados para comportamento autoclítico?

Recebido em 20/07/2016

Revisado em 26/05/2017

Aceito em 18/11/2017